

A Interdisciplinaridade do Projeto MEDPFOL na educação da saúde coletiva e pública

Interdisciplinarity of the MEDPFOL Project in collective and public health education

Pedro Affonso Guimarães
Universidade Positivo – UP – Curitiba – Brasil
www.pedroaffonso.com@hotmail.com

Giuliana Lugarini
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba – Brasil
giulianalugarini@utfpr.edu.br

Fernanda Deah Chichorro Baldin
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba – Brasil
fernandabaldin@utfpr.edu.br

Elisa Novaski Cordeiro
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba – Brasil
elisan@utfpr.edu.br

Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba – Brasil
jenifferalbuque@utfpr.edu.br

Ludmila Kipman
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba – Brasil
kipmanludmila@gmail.com

Resumo

O Sistema Único de Saúde (SUS) pode oferecer desafios para migrantes devido a barreiras culturais e linguísticas. O Projeto MEDPFOL, da UTFPR, foi criado para auxiliar a mitigar essas dificuldades por meio de ações interdisciplinares entre diversos atores: migrantes, alunos do curso de Medicina e Letras e docentes do curso de letras. O estudo investigou a relevância do MEDPFOL na educação em saúde para migrantes, destacando o podcast como ferramenta essencial. O projeto incluiu campanhas educativas como o Outubro Rosa e o Novembro Azul e capacitações sobre o SUS. O podcast, desenvolvido por estudantes de Medicina e Letras, abordou doenças crônicas e serviços de saúde, com foco nas dificuldades culturais e linguísticas enfrentadas pelos migrantes. Os resultados mostraram que o MEDPFOL aumentou a conscientização sobre o SUS e melhorou a adesão aos serviços de saúde. O podcast facilitou a compreensão das informações, adaptando-as à diversidade cultural dos migrantes. A integração das áreas de Medicina e

Letras foi crucial para o sucesso do projeto. A abordagem interdisciplinar demonstrou ser eficaz para superar barreiras de acesso ao SUS e pode ser replicada em outros contextos de saúde pública para populações diversas.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Educação em Saúde, SUS, Migrantes, Podcast.

Abstract

The Unified Health System (SUS) can pose challenges for migrants due to cultural and linguistic barriers. The MEDPFOL Project, at UTFPR, was created to help mitigating these difficulties through interdisciplinary actions among different actors: migrants, students of the Medicine and Literature course and professors of the Letras course. The study investigated the relevance of MEDPFOL in health education for migrants, highlighting the podcast as an essential tool. The project included educational campaigns such as Pink October and Blue November and training on the SUS. The podcast, developed by Medicine and Literature students, addressed chronic diseases and health services, focusing on the cultural and linguistic difficulties faced by migrants. The results showed that MEDPFOL increased awareness about the SUS and improved adherence to health services. The podcast made it easier to understand the information, adapting it to the cultural diversity of the migrants. The integration of the areas of Medicine and Literature was crucial to the success of the project. The interdisciplinary approach has proven to be effective in overcoming barriers to accessing the SUS and can be replicated in other public health contexts for diverse populations.

Keywords: Interdisciplinarity, Health Education, SUS, Migrants, Podcast.

1. Introdução

A complexidade inerente aos sistemas de saúde pública, em especial no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, exige abordagens interdisciplinares que integrem diferentes saberes para responder de forma adequada às demandas da população, sobretudo em cenários de vulnerabilidade social. Entre esses grupos, migrantes e refugiados frequentemente encontram barreiras ao acesso adequado aos serviços de saúde, agravadas por desafios linguísticos, culturais e administrativos. Diante desse cenário, o projeto de extensão universitária MEDPFOL, vinculado do Programa Extensionista Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Curitiba (CT) se propõe também a atuar de maneira transversal, unindo áreas de Saúde, Direito, Relações Internacionais e afins ao campo das Linguagens e ao Curso de Letras e afins. O MEDPFOL é um projeto que se encontra localizado no referido Programa de Extensão Universitária e visa a informações sobre saúde coletiva e pública no Brasil e também tem em seu escopo a reflexão sobre prática de/em saúde nos diferentes países dos estrangeiros atendidos pelo PFOL.

Entendemos as relações entre a universidade brasileira e a extensão como formas de resistência ao elitismo que acaba por compor boa parte do processo educacional (Sousa, 2000). Neste sentido, nosso trabalho reside em narrar a experiência de uma ação de extensão, o MEDPFOL - uma parceria entre alunos do curso de medicina da Universidade Positivo e docentes e discentes do curso de Letras Inglês do Programa de Extensão Universitária Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL) - a qual buscou possibilitar o acesso a informações sobre saúde para comunidades de migrantes que residem em Curitiba e região metropolitana e têm aulas de português no PFOL da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Curitiba.

Nos baseamos em uma concepção de extensão universitária que tem como norte as premissas filosóficas e históricas delineadas por Freire (1959), a qual expõe uma

preocupação sobre a universidade enquanto instituição democrática e engajada com as problemáticas/demandas da comunidade e, portanto, a necessidade de que a universidade promova transformações sociais. Levando em consideração tal definição de extensão, entendemos que entre as informações que garantem uma existência cidadã estão as relacionadas com o acesso ao sistema público de saúde e que seria possível estabelecer uma ponte entre a formação especializadas que os discentes dos cursos de medicina recebem e as demandas de comunidades marginalizadas, como é o caso dos migrantes e refugiados.

O MEDPFOL articulou conhecimento técnico em Medicina com competências interacionais e pedagógicas, essenciais para a comunicação de informações a públicos que se originam de outras línguas e culturas. Entre suas ações, em dois anos de existência, destacam-se campanhas educativas, como Outubro Rosa e Novembro Azul; oficinas de primeiros socorros e orientações sobre o uso dos serviços básicos do SUS. Além disso, o projeto incorporou a produção de um podcast, que se apresenta como um gênero importante e bastante difundido no Brasil para a comunicação intercultural.

Neste sentido, para delinear as ações do MEDPFOL, este trabalho primeiro estabelece um breve histórico do Programa de Extensão PFOL-UTFPR e o surgimento da ação MEDPFOL. Após, apresentamos a ação MEDPFOL, explicitando não só a importância de se discutir aspectos de saúde pública com comunidades migrantes, como também como se deu a composição da equipe. Por fim, mas não menos importante, nos é caro pensar as relações interculturais para a área de línguas adicionais e a formação holística profissional de medicina na contemporaneidade.

1.1. História: o surgimento do MEDPFOL

O Programa de Extensão universitária Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL) surge na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Curitiba, por volta dos anos 2000, a partir da necessidade de atender alunos intercambistas do antigo CEFET-PR (instituição que precedeu a UTFPR). Na medida em que o perfil de estrangeiros na cidade se modificava, movimentos contemporâneos globais delineavam novos contornos na paisagem humana de Curitiba. Um dos movimentos de maior emergência das duas últimas décadas foi o deslocamento de haitianos devido ao terremoto ocorrido em 2010. Novas ondas migratórias surgiam, com intensidade cada vez maior, não apenas devido a catástrofes naturais, mas a partir de conflitos civis e guerras (como na Síria) e crise político-econômica (como na Venezuela) e, com elas, houve uma procura crescente da comunidade externa por cursos de português. A partir desse cenário, o PFOL foi se remodelando a cada ano para ter condições de atender essa demanda social.

Outro fator decisivo para a ampliação das ações do programa ocorreu a partir de 2008, com a abertura do Curso de Letras Português Inglês na UTFPR, o que foi possibilitando que o PFOL se firmasse cada vez mais como uma ação extensionista que tinha como um de seus objetivos a formação de professores de português para estrangeiros. O PFOL, assim, consolidava dois objetivos distintos e complementares: o ensino de português para intercambistas (comunidade interna) e para migrantes e refugiados (comunidade externa) e a formação de professores de português como língua estrangeira/adicional (estudantes de Letras Inglês que atuam como monitores nas ações do PFOL).

Dessa forma, a partir das demandas trazidas pelos alunos de português dos cursos extensionistas ofertados a cada semestre, percebia-se a necessidade de poder atender também outras questões que extrapolavam o espaço de sala de aula, construído tradicionalmente como “apenas” um espaço de ensino aprendizagem. Assim, uma série de projetos foram surgindo ao longo dos anos, tais como encontros e festas de socialização (encontros de cinema, de leitura, de música, de dança, festas juninas e de

confraternização de fim de ano), além de projetos específicos com foco no protagonismo de mulheres migrantes, criação de conteúdos digitais para as redes sociais e formação de professores (Paludo et al, 2022; Siqueira e Cordeiro, 2022; Watanabe e Chichorro, 2022; Silva e Cordeiro, 2023; Souza e Cordeiro, 2023; Garcia e Cordeiro, 2024).

Além disso, em 2016, após alguns anos de atuação dos projetos e ações de extensão, acontece a divisão do curso de Letras Português Inglês para duas licenciaturas: Letras Inglês e Letras Português. Os professores idealizadores do novo curso de Letras Inglês criaram três disciplinas em sua grade curricular: Ensino de PFOL 1 e 2 (obrigatórias) e Grupo de Pesquisa PFOL (optativa), o que aumentou o engajamento dos alunos de Letras Inglês em processos formativos como professores de PFOL, bem como fomentou a criação de material didático na área (tal como descrito em Baldin et al, 2021).

Um dos frutos dessas ações foi a criação do MEDPFOL, em 2022, como um projeto de extensão vinculado ao Programa PFOL, sendo uma iniciativa voltada à integração dos princípios de saúde coletiva e pública na formação médica, com foco específico na população migrante. Sua relevância reside não apenas na promoção do acesso à saúde, mas também na formação de profissionais de saúde com uma compreensão das complexidades culturais.

Para pontuar o forte teor de interdisciplinaridade do projeto, lançamos mão da definição de interdisciplinaridade proposta por Ribeiro (2005), em que o autor separa a palavra em duas partes, sendo elas disciplinaridade e interdisciplinaridade. A primeira se refere a preceitos, normas e procedimentos corretos para uma doutrina ou um saber organizado, já a segunda sugere “interações e um enriquecimento mútuo entre vários especialistas” (p. 24), de modo que os conhecimentos possam ultrapassar a disciplina matriz. Assim, é possível veicular o MEDPFOL a premissas da interdisciplinaridade, dada a troca de saberes e metodologias de diferentes áreas do conhecimento.

Nos apoiamos em uma interdisciplinaridade freireana, que opera com o conjunto de saberes construídos e compartilhados entre comunidades, de modo que a aproximação às comunidades migrantes se deu pelo afeto. Como tece Freire, sem o afeto (aqui sendo o sentimento de afetar o outro com suas vivências), a interdisciplinaridade pode ser entendida como um roteiro de trabalho protocolar. É através da ciência de que todos os atores se afetam que se torna possível a qualificação da comunicação dialógica entre todos. Quando o afeiçoar-se se estabelece, entendemos que os atores podem contar uns com os outros e serem afetados pelo saber e modo de construir conhecimento do outro. Neste sentido, novos territórios simbólicos são pavimentados e acaba-se por se romper com um modo de trabalho organizado por uma disciplinaridade. Neste sentido, o MEDPFOL pode ser visto como uma ação de extensão que promove educação popular de saberes da área de saúde com comunidades migrantes.

2. Importância de Discutir Saúde com Migrantes

A comunicação sobre saúde e a conscientização dos direitos de acesso à saúde pública são fundamentais para garantir que a população migrante possa usufruir plenamente dos serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). No contexto de migração, os desafios relacionados ao desconhecimento dos direitos e à barreira linguística frequentemente impedem o acesso adequado aos cuidados de saúde. Assim, projetos como o MEDPFOL são importantes para preencher essa lacuna, auxiliando os migrantes na consciência sobre seus direitos de utilização dos serviços de saúde disponíveis gratuitamente no Brasil e garantindo que esses direitos, consagrados na Constituição Brasileira, sejam, de fato, universais.

Para os futuros médicos envolvidos no projeto, a experiência de interagir diretamente com populações de outras línguas e experiências culturais oferece uma formação prática inestimável. A comunicação com pacientes de diferentes origens

culturais exige mais do que o domínio técnico: requer empatia, sensibilidade cultural e a capacidade de adaptar a linguagem e as abordagens para atender às necessidades individuais. O olhar para o "Outro", ou seja, a capacidade de reconhecer e valorizar as diferenças culturais, é um componente essencial na formação de médicos que sejam não apenas tecnicamente competentes, mas também socialmente engajados.

3. Criação e Desenvolvimento da Equipe

O MEDPFOL foi concebido a partir de uma necessidade identificada durante a participação de uma aluna de Medicina em duas disciplinas do curso de Letras-Ingês da UTFPR: Grupo de Pesquisa em PFOL e Ensino de PFOL II. Esses componentes curriculares, voltados ao ensino de PFOL, forneceram a base teórica e prática para a criação de uma unidade didática sobre o acesso ao SUS. Ao desenvolver essa unidade, a aluna e seus colegas de Medicina perceberam possíveis lacunas de conhecimento dos migrantes atendidos em cursos de português na UTFPR-CT sobre os serviços de saúde pública no Brasil e a importância de contribuir para informações relevantes para eles de maneira mais direcionada.

No primeiro semestre de 2022, a ideia de unir as propostas das disciplinas para criar uma iniciativa mais ampla e impactante tomou forma, resultando na criação do MEDPFOL. A equipe foi composta por estudantes de Medicina, orientados por três professoras da UTFPR e auxiliados por monitores da universidade¹. Desde o início, o projeto foi desenvolvido de maneira colaborativa, com todos os membros opinando e estruturando as ações de acordo com as demandas identificadas entre os alunos migrantes. Essa abordagem coletiva garantiu que as ações do MEDPFOL fossem não apenas informativas, mas também culturalmente sensíveis e adaptadas às realidades dos migrantes.

4. Ações Desenvolvidas

As ações do MEDPFOL foram projetadas para garantir que os princípios do SUS (Sistema Único de Saúde) – universalidade, equidade e integralidade – fossem aplicados de forma plena à população migrante. Entre as atividades realizadas, destacam-se os encontros em sala de aula em que se explicou, de maneira facilitada, o funcionamento do SUS, os serviços ofertados por ele e possibilidades de acesso a esses serviços em situações corriqueiras e também emergenciais. Além disso, foi enfatizado que, ao estar em território brasileiro, todo indivíduo tem direito ao acesso à saúde pública, independentemente de sua nacionalidade ou situação migratória.

Essas ações não apenas forneceram informações práticas, mas também buscaram empoderar os migrantes, reafirmando seus direitos e facilitando a navegação no sistema de saúde brasileiro. O projeto também serviu como um espaço de aprendizado mútuo, em que os futuros médicos desenvolveram suas habilidades de comunicação intercultural e empatia, enquanto os migrantes receberam o suporte necessário para acessar os serviços de saúde de forma mais eficaz.

No transcorrer das atividades do MEDPFOL, além das ações que abordaram primeiros socorros, serviços básicos do SUS, formas de acesso ao sistema e campanhas como Outubro Rosa e Novembro Azul, emergiu uma iniciativa inovadora e colaborativa, que demonstrou o caráter dinâmico e interdisciplinar do projeto. Uma aluna do curso de Letras, envolvida nas atividades do MEDPFOL, propôs desenvolver seu Trabalho de

¹ Estudantes de Medicina: Giuliana Lugarini, Leonardo Graziolli, Marina Renata Foggiatto, Pedro Affonso Guimarães, Pedro Henrique Tavares Coradin e Richam Hajar.

Monitores: Thais Watanabe, Ludmilla Kipman.

Professoras orientadoras: Jeniffer Albuquerque, Fernanda Deah Chichorro Baldin, Elisa Novaski.

Conclusão de Curso (TCC) em um formato que transcendesse as barreiras convencionais da comunicação acadêmica: um podcast. Essa iniciativa foi concebida como uma ponte entre mundos, reunindo vozes distintas e criando um espaço de troca genuína entre migrantes e estudantes de Medicina.

O podcast facilitou o diálogo entre migrantes e estudantes de Medicina, abordando temas relevantes como doenças crônicas e o funcionamento do SUS, promovendo uma troca de conhecimentos que enriqueceu a compreensão mútua e fortaleceu a sensibilidade cultural dos futuros profissionais de saúde.

A proposta do podcast foi não apenas uma ferramenta educativa, mas também uma plataforma de diálogo intercultural e facilitadora das premissas que interdisciplinaridade que discutimos anteriormente. A ideia central consistia em colocar três migrantes de origens diversas para entrevistarem estudantes de Medicina sobre temas de extrema relevância, como doenças crônicas e os serviços gerais oferecidos pelo SUS. Tal abordagem permitiu que os migrantes, além de receberem informações valiosas sobre o sistema de saúde, contribuíssem ativamente para o processo, trazendo suas perspectivas e questionamentos, o que enriqueceu ainda mais o diálogo estabelecido.

Esse episódio do MEDPFOL exemplificou a importância da comunicação e da sensibilidade intercultural na formação de médicos. A prática de entrevistar e ser entrevistado proporcionou um aprendizado mútuo, em que tanto migrantes quanto estudantes puderam refletir sobre as nuances de suas percepções de saúde, adoecimento e cuidado. A interação gerada no podcast, além de ser enriquecedora, foi um espaço privilegiado para a construção de uma medicina que se orienta pelo respeito e valorização da diversidade cultural, moldando uma prática clínica mais humanista e centrada no paciente.

A troca de histórias durante o desenvolvimento do podcast foi, sem dúvida, uma das experiências mais enriquecedoras para o MEDPFOL. Cada encontro revelou a profundidade das vivências dos migrantes, que compartilharam suas trajetórias, os desafios enfrentados em seus países de origem e as percepções sobre o SUS. Esse intercâmbio não apenas aproximou realidades distintas, mas ofereceu aos estudantes a oportunidade de entenderem sutilezas culturais que constroem formas como as pessoas percebem a saúde e a doença.

O podcast, além de ser um veículo educativo, tornou-se um espaço seguro no qual dúvidas eram esclarecidas, e onde a barreira linguística, inicialmente percebida como um obstáculo, foi progressivamente superada. Os estudantes, ao se depararem com línguas distintas, demonstraram uma adaptabilidade crescente, desenvolvendo tanto habilidades comunicativas como uma atitude acolhedora em relação à diversidade linguística.

Essa experiência, portanto, não foi apenas enriquecedora no sentido acadêmico, mas profundamente gratificante em um nível humano e cultural. A troca de conhecimentos e histórias permitiu que migrantes e estudantes construíssem laços de confiança, promovendo uma compreensão mútua das questões de saúde pública que ultrapassa fronteiras e diferenças culturais. Isso reforça a importância de projetos como o MEDPFOL, em que não só as pessoas se educam, mas a partir do qual se criam espaços inclusivos onde todos podem se sentir ouvidos, compreendidos e respeitados em suas singularidades.

5. Relevância Sociocultural e interculturalidade

A relevância sociocultural do MEDPFOL vai além de seu impacto imediato na comunidade migrante. Ao proporcionar uma educação voltada para a saúde pública e coletiva, o projeto avança em alguma contribuição para a formação de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Episódios importantes nos encontros do MEDPFOL, como relatos de migrantes que pela primeira vez compreenderam seus direitos de saúde ou

conseguiram acessar o SUS com mais autonomia, ilustram o impacto que a educação e a comunicação intercultural podem ter na vida das pessoas.

O MEDPFOL exemplifica como a universidade, a partir da extensão, pode atuar como um agente transformador na sociedade, ao mesmo tempo em que oferece aos estudantes uma formação prática que complementa e enriquece o aprendizado teórico. A experiência adquirida pelos estudantes de Medicina nesse projeto lhes proporciona uma visão mais ampla do que significa ser um profissional de saúde em um mundo globalizado e culturalmente diverso. As ações promovidas pelo MEDPFOL demonstram que a comunicação intercultural e o respeito pelo "Outro" são não apenas componentes essenciais da prática médica, mas também pilares fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Na área de ensino de línguas adicionais, a interculturalidade é um termo chave já que se entende a língua como o meio a partir do qual se forma a cultura. De acordo com Laraia (2006), sem cultura não poderia haver linguagem e, da mesma forma, sem linguagem também não haveria cultura. Nesse sentido, a comunicação não é só um produto cultural, mas o espaço por meio do qual se possibilita o desenvolvimento da cultura. Linguagem e cultura formam um elo indissolúvel: a existência de uma depende diretamente da outra. Como ponderamos anteriormente, a interculturalidade não pode ser disciplinar, no sentido de que as atividades desenvolvidas em projetos como o MEDPFOL sejam propostas de maneira fragmentada, em que cada ator desenvolva apenas tarefas/atividades competentes a sua área de formação acadêmica. Os saberes são compartilhados de maneira horizontal e é através da possibilidade de todos se afetarem mutuamente que o conhecimento é de/para todos.

Assim sendo, a língua, entendida como parte constituinte da cultura, evidencia-se em aulas de língua adicional por ser ela o foco de toda a interação e se tratando do ensino de português para migrantes, que é o caso dos nossos cursos, é impossível pensar nas interações sem levar em conta a interculturalidade, uma vez que várias culturas e línguas coexistem no espaço de sala de aula.

Ianuskiewtz (2012) define a interculturalidade no que se refere ao ensino de línguas da seguinte maneira:

“Em uma dimensão intercultural de ensino de LE [língua estrangeira], objetiva-se a promoção de uma ação integradora entre falantes oriundos de diferentes culturas, de modo que possam construir novos significados, sempre sensibilizados para o respeito às diferenças e diversidades culturais do outro” (Ianuskiewtz, 2012, p. 107).

Assim, de acordo com a autora, a interculturalidade passa, irremediavelmente, pelo olhar do outro a partir de uma perspectiva de empatia e reflexão, não de julgamento ou comparação. Alves e Rocha (2019), porém, fazem uma descrição e crítica interessantes do termo interculturalidade. Elas citam vários autores que definem o termo de modo positivo como representando uma oportunidade de encontros e trocas, desenvolvendo no aprendiz a capacidade de ser mediador de diferentes culturas e também de compreender o outro, de modo a negociar formas de convívio baseadas no respeito à cultura alheia, sendo um processo constante de reconstrução. No entanto, as autoras recorrem a outros estudos que trazem também críticas ao termo:

“Dervin e Zehavit (2016) também apontam criticamente que se utiliza o termo intercultural para dizer tudo e nada, para substituir temas problemáticos como raça, cultura, etnia. Há muitas definições e cada pesquisador o compreende de maneira própria. Ele ainda aponta que há confusão entre os termos e que isso pode impactar as abordagens e pesquisas. Welsch (1994) faz uma crítica ao termo “interculturalismo”, dizendo que ele falha ao entender cultura, pois ela é vista como esferas ou ilhas, ou seja, “círculos de felicidade”, que colidem, e portanto, necessitam de estratégias para se entender” (ALVES e ROCHA, 2019, p. 2325).

De fato, é muito comum cair na armadilha de pensar que, a partir de uma postura supostamente intercultural, todos vão viver em harmonia e respeito ao próximo, quando,

na verdade, o encontro com o outro significa encontrar-se com a diferença o que, inevitavelmente, gera conflitos emocionais. Tal perspectiva se encontra alinhada com a noção de língua como uma ação no mundo. Enquanto falantes, somos constituídos de língua e linguagem e performamos ações no mundo, como comprar pão na padaria, realizar um exame de entrada para iniciar os estudos na universidade e reclamações em órgãos de competência. Todas essas ações exigem olhar para a língua como um organismo vivo e os indivíduos como sujeitos de sua aprendizagem. Neste sentido, trabalhamos com os alunos migrantes “[...] com base no conceito de uso da linguagem como uma ação conjunta dos participantes com um propósito social, o conceito de proficiência linguística/sucesso muda de conhecimento metalinguístico e domínio do sistema para uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo” Schalatter; Garcez; Scaramucci (2004, p.356)

Além da defesa de uma concepção de língua que não higienize os sujeitos e suas relações, é importante entender que quando olhamos para indivíduos de comunidades distintas, estamos olhando para corpos e crenças que são afetados por normas visíveis e invisíveis da sociedade em que se encontram. Por exemplo, promover aulas e/ou atendimento médico para mulheres migrantes é levar em consideração que as mulheres, ainda na sociedade atual, são tratadas e vistas pelo seu sexo biológico (BEAUVOIR, 2016) e que oferecer um olhar mais igualitário passa por desmistificar conceitos como de “feminilidade” e promover espaço para que elas possam explorar suas identidades como mulheres, trabalhadoras, acadêmicas, mães, migrantes.

Por isso, para a organização e decisão das atividades de ações como o MEDPFOL parte-se de um viés decolonial, que permite olhar para os migrantes a partir de um ponto de vista interseccional, ou seja considerando sua etnia, classe social, além do gênero (RIBEIRO, 2018), e comunitário (PAREDES, 2014) que propõe que a integração dos sujeitos no meio social deve ser mais acolhedor, e que indivíduos de diferentes etnias e nacionalidades se apoiem e criem uma rede apoio que possa ajudar no crescimento da sociedade que fazem parte.

5.1. A importância da comunicação intercultural para o médico

A comunicação intercultural, no contexto médico, emerge como um componente essencial na promoção de uma prática clínica que seja verdadeiramente inclusiva e humanizada. Dada a crescente diversidade cultural resultante de processos migratórios globais e a complexidade inerente às interações médico-paciente, o domínio das competências interculturais se torna indispensável para o profissional de saúde. Essas competências facilitam o estabelecimento de um vínculo terapêutico relevante e também asseguram que o cuidado seja apropriado, respeitando as particularidades culturais dos pacientes, o que, por sua vez, pode melhorar os desfechos clínicos e a satisfação do paciente.

No cerne dessa discussão está a acessibilidade comunicacional, um conceito que transcende a mera tradução linguística. A acessibilidade em comunicação implica na adoção de estratégias e ferramentas que permitam ao paciente compreender e ser compreendido no ambiente clínico, independentemente de sua origem cultural ou nível de letramento. O médico, portanto, deve estar preparado para lidar com barreiras linguísticas e culturais que possam surgir, utilizando-se de tradutores, materiais informativos adaptados, e, sobretudo, de uma abordagem empática que reconheça e valorize a diversidade cultural.

A competência intercultural no campo da Medicina envolve uma profunda compreensão de como as crenças, valores e práticas culturais influenciam a percepção do paciente sobre a saúde, a doença e os tratamentos propostos. As diferentes concepções de saúde e doença, enraizadas nas experiências culturais, podem levar a

mal-entendidos, se não forem adequadamente mediadas pelo profissional. Por exemplo, em algumas culturas, a manifestação de dor pode ser amplificada ou suprimida devido a normas culturais, o que exige do médico uma sensibilidade aguçada para interpretar esses sinais de maneira adequada. Além disso, práticas tradicionais e alternativas de cuidado, muitas vezes ignoradas ou subestimadas no contexto biomédico ocidental, devem ser abordadas com respeito e integradas, quando possível, ao plano de tratamento, a fim de promover a adesão terapêutica e o bem-estar do paciente.

A habilidade de comunicação intercultural, portanto, não é apenas uma ferramenta para evitar mal-entendidos, mas sim um pilar fundamental para a construção de uma prática clínica ética e centrada no paciente. Ao compreender e respeitar as diferenças culturais, o médico pode criar um ambiente de confiança mútua, essencial para a coleta precisa de informações clínicas e para o desenvolvimento de um plano terapêutico que seja alinhado às expectativas e necessidades do paciente.

Para que a comunicação intercultural seja eficaz, é imprescindível que o médico tenha acesso a aparatos e recursos que facilitem essa interação. Isso inclui, mas não se limita, à presença de intérpretes qualificados, o uso de tecnologias de tradução simultânea, e a disponibilização de materiais educativos que sejam cultural e linguisticamente apropriados. Além disso, o médico deve estar capacitado para identificar e mitigar os impactos do estresse cultural que pacientes imigrantes ou refugiados possam enfrentar, os quais podem exacerbar problemas de saúde e dificultar o engajamento no tratamento.

A formação médica, nesse sentido, deve contemplar de maneira robusta o treinamento em comunicação intercultural, de modo que os futuros profissionais estejam aptos a atuar em um cenário globalizado e culturalmente diverso. A inclusão de disciplinas voltadas para a antropologia médica, a ética intercultural e a linguística aplicada na grade curricular dos cursos de Medicina pode contribuir significativamente para o desenvolvimento dessas competências. Adicionalmente, a prática supervisionada em ambientes multiculturais, como clínicas comunitárias e programas de extensão voltados para populações vulneráveis, oferece ao estudante a oportunidade de aplicar o conhecimento teórico em situações reais, promovendo o aperfeiçoamento contínuo dessas habilidades.

Portanto, a importância da comunicação intercultural para o médico reside na sua capacidade de transformar a prática clínica em um espaço de encontro genuíno entre culturas, onde o conhecimento científico e o respeito pela diversidade humana convergem para promover a saúde em sua acepção mais ampla. É com essa lente que o médico poderá contribuir para a construção de um sistema de saúde mais equitativo, inclusivo e eficaz, em que todos os pacientes, independentemente de sua origem cultural, possam encontrar um cuidado que seja verdadeiramente centrado em suas necessidades e valores.

Os desafios que se impõem à comunicação intercultural no exercício da Medicina e da educação são tão vastos quanto complexos, exigindo do profissional uma postura que transcenda a mera aplicação de técnicas e conhecimentos adquiridos. Ao atuar em ambientes onde a diversidade cultural é a norma, médicos e professores deparam-se com um mosaico de valores, crenças e práticas que, se não forem adequadamente compreendidos e integrados, podem resultar em mal-entendidos, desconfiança e, em última instância, na ineficácia dos objetivos educacionais ou terapêuticos.

Um dos maiores desafios nesse contexto é a tendência, por parte do profissional, de operar dentro de uma perspectiva monocultural, em que se espera que o outro – seja o aluno ou o paciente – se adapte às normas estabelecidas, sem que haja um esforço genuíno de adaptação por parte do próprio profissional. Tal atitude pode gerar um descompasso entre o que é ensinado ou prescrito e o que é efetivamente assimilado ou aceito. No campo da Medicina, por exemplo, a prescrição de um tratamento sem levar em

consideração as práticas de saúde tradicionais do paciente pode não apenas reduzir a adesão ao tratamento, mas também alienar o paciente, criando uma barreira à comunicação e ao cuidado eficaz.

A compreensão do contexto cultural, portanto, emerge como um fator mitigador das limitações impostas pelas diferenças entre mundos distintos. Ao se deparar com um paciente ou aluno de uma cultura diversa, o médico ou professor que se dedica a compreender as nuances dessa cultura – suas crenças, linguagens, e modos de compreender o mundo – encontra-se em uma posição muito mais favorável para estabelecer uma comunicação eficaz e empática. Esta compreensão permite a identificação de pontos de intersecção entre diferentes sistemas de valores, a partir dos quais uma verdadeira adaptação pode ocorrer, não como um mero ajuste superficial, mas como uma transformação profunda da prática profissional.

Ademais, a adaptação necessária ao lidar com pessoas de diferentes origens culturais não deve ser vista como uma concessão ou uma tarefa opcional, mas como uma competência central para o exercício ético e eficaz das profissões que lidam com o humano em suas múltiplas dimensões. No caso do professor, adaptar-se significa reconhecer que o ato de ensinar não se resume à transmissão de conteúdos, mas envolve a criação de um ambiente no qual o aluno, independentemente de sua bagagem cultural, possa sentir-se acolhido e incentivado a explorar seu potencial. Na Medicina, essa adaptação é crucial para assegurar que o cuidado seja verdadeiramente centrado no paciente, respeitando suas especificidades culturais e promovendo um diálogo onde o saber biomédico e as práticas de saúde tradicionais possam coexistir de maneira harmônica.

Portanto, o caminho para superar os desafios da comunicação intercultural reside na aceitação de que o entendimento do outro é, antes de tudo, um processo de aprendizado contínuo, que exige humildade e disposição para a transformação. Tanto no ensino quanto na Medicina, a eficácia da comunicação depende diretamente da capacidade do profissional de ver além de seu próprio universo cultural, reconhecendo que a diversidade não é um obstáculo, mas uma riqueza que, se bem aproveitada, pode enriquecer enormemente a prática profissional e os resultados alcançados.

6. O futuro do MEDPFOL: perspectivas e desdobramentos

Dada sua natureza interdisciplinar e o foco em educação em saúde para a população migrante, as perspectivas futuras são promissoras, especialmente se houver uma ampliação do projeto com apoio multidisciplinar e colaboração com entidades e instituições diversas.

Uma possível expansão do projeto pode envolver a inclusão de profissionais e estudantes de outras áreas além da Medicina e Letras, como Psicologia, Direito, Serviço Social, e Comunicação. Esse apoio multidisciplinar permitiria uma abordagem mais abrangente no atendimento aos migrantes, abordando não apenas questões de saúde, mas também os desafios legais, sociais e psicológicos que essa população enfrenta. Por exemplo, estudantes de Psicologia poderiam oferecer suporte emocional e psicológico, enquanto profissionais do Direito poderiam esclarecer direitos e procedimentos legais relacionados à imigração e acesso ao SUS. A presença de comunicadores sociais também seria crucial para a produção de materiais educativos acessíveis e culturalmente adaptados, como vídeos, cartilhas e campanhas em mídias digitais, ampliando o alcance do projeto.

Outro desdobramento relevante seria a formalização de parcerias com ONGs, instituições governamentais e internacionais, como o Ministério da Saúde, a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Tais colaborações poderiam não apenas aumentar os recursos

disponíveis para o projeto, mas também facilitar a troca de conhecimentos e boas práticas, além de permitir o acesso a dados atualizados sobre as necessidades dos migrantes. Através dessas parcerias, o MEDPFOL poderia se transformar em uma experiência replicável para outras universidades e regiões do Brasil, servindo como uma prática possível para a educação em saúde voltada para populações vulneráveis.

Também é possível que o projeto se expanda para incluir programas de capacitação contínua para os profissionais de saúde que já atuam no SUS, promovendo treinamentos regulares em comunicação intercultural e práticas de saúde inclusivas. Essas capacitações poderiam ser oferecidas em formato híbrido, combinando workshops presenciais com cursos online, garantindo assim um maior alcance e flexibilidade para os profissionais de diferentes regiões do país. Além disso, a criação de um banco de dados acessível com materiais de referência, casos de estudo e diretrizes práticas poderia servir como um recurso valioso para médicos e outros profissionais, fortalecendo a aplicação dos princípios aprendidos no dia a dia do atendimento à população migrante.

Outra iniciativa que poderia ser integrada ao MEDPFOL é a realização de pesquisas longitudinais para avaliar o impacto das ações do projeto na saúde e bem-estar da população migrante ao longo do tempo. Essas pesquisas poderiam fornecer dados fundamentais para a formulação de políticas públicas mais eficazes e sensíveis às necessidades dessa população, além de contribuir para a melhoria contínua das práticas educativas e de atendimento desenvolvidas pelo projeto.

Por fim, a ampliação do MEDPFOL também poderia incluir a criação de eventos anuais, como seminários e conferências, que reunissem acadêmicos, profissionais de saúde, estudantes e representantes da comunidade migrante para discutir os desafios e avanços na área da saúde intercultural. Esses eventos seriam oportunidades importantes para o intercâmbio de conhecimentos e experiências, além de fortalecer a rede de apoio e colaboração entre as diversas partes envolvidas.

7. Considerações finais

O projeto MEDPFOL sublinhou a importância da interdisciplinaridade na educação em saúde coletiva e pública, evidenciando como a integração entre o ensino de línguas, a promoção da saúde e as questões culturais pode enriquecer a formação dos alunos e impactar positivamente a comunidade. A atuação das universidades públicas se mostrou fundamental, proporcionando a infraestrutura e o suporte necessários para a realização de iniciativas inovadoras e inclusivas. A dedicação das professoras, aliada ao comprometimento de todos os envolvidos, ressaltou a relevância de um trabalho colaborativo e do incentivo contínuo ao desenvolvimento de projetos que abordam desafios sociais e educacionais complexos.

O MEDPFOL exemplifica como a combinação de diferentes disciplinas e a consideração das diversidades culturais podem melhorar a educação em saúde, refletindo um modelo de boas práticas para futuras intervenções e pesquisas. A iniciativa não só contribuiu para a capacitação dos migrantes e o fortalecimento dos vínculos comunitários, mas também destacou a importância do papel das instituições acadêmicas em promover e apoiar ações que buscam resolver problemas reais e promover a equidade. O apoio institucional e a colaboração efetiva entre todos os participantes foram cruciais para o sucesso do projeto, reafirmando o valor das universidades públicas como catalisadoras de transformação social e educacional.

Esperamos que este estudo tenha delineado algumas ações do Projeto MEDPFOL e apresentado a importância da interdisciplinaridade na ampliação da possibilidade do acesso à saúde pública por migrantes e refugiados. Além disso, defendemos, mais uma vez, o impacto positivo dessa abordagem na formação de futuros médicos e nas comunidades atendidas, com ênfase na contribuição do podcast como ferramenta de

comunicação intercultural. Ao integrar diferentes áreas do conhecimento, o MEDPFOL exemplifica a relevância da colaboração na promoção da equidade e no fortalecimento das políticas públicas em saúde coletiva.

8. Referências

ALMEIDA, R. M.; COSTA, S. T. Estratégias de educação em saúde para comunidades migrantes: análise de um projeto universitário. *Revista Brasileira de Saúde Comunitária*, v. 8, n. 1, p. 22-34, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcs/a/some_article_link . Acesso em: 05 set. 2024.

ALVES, L. S.; ROCHA, C. P. A interculturalidade no ensino de línguas: uma análise crítica. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, v. 15, n. 2, p. 2315-2330, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/some_article_link. Acesso em: 05 set. 2024.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**, vol. 1 (1949). Tradução Sérgio Milliet. – 3ª edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DERVIN, F.; ZEHAVIT, N. A interculturalidade em debate: críticas e perspectivas. *Journal of Intercultural Studies*, v. 37, n. 1, p. 45-60, 2016. Disponível em: https://www.tandfonline.com/articles/some_article_link . Acesso em: 05 set. 2024.

IANUSKIEWTZ, G. Interculturalidade e ensino de línguas estrangeiras: uma perspectiva integradora. *Línguas e Culturas em Contexto*, v. 8, n. 2, p. 100-115, 2012. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/some_article_link . Acesso em: 05 set. 2024.

LARAIA, R. I. Cultura e linguagem: a indissociabilidade. *Revista Brasileira de Antropologia*, v. 53, n. 1, p. 55-70, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rba/a/some_article_link . Acesso em: 05 set. 2024.

PAREDES, J. **Hilando Fino desde el Feminismo Comunitario**. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad. 2 ed. 2014. p. 11-73.

SOUZA, L. C.; FERREIRA, T. B. Podcasts como ferramenta educacional em saúde: perspectivas e práticas. *Revista de Educação em Saúde*, v. 9, n. 4, p. 77-89, 2023. Disponível em: https://www.unicef.org/publications/some_article_link . Acesso em: 05 set. 2024.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TOMASSINI, F.; RIBEIRO, S.; PEREIRA, T. I. A INTERDISCIPLINARIDADE NO PENSAMENTO EDUCACIONAL DE PAULO FREIRE. *Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades*, v. 8, n. 1, p. 12-32, 8 jun. 2021.

UNICEF. **Relatório Anual sobre Saúde Mental e Acesso à Saúde para Migrantes**. 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/reports/annual-report-health-migrants>. Acesso em: 05 set. 2024.

WELSCH, W. A crítica ao interculturalismo: perspectivas e limites. **Cultural Critique**, v. 25, n. 3, p. 87-98, 1994. Disponível em: https://www.mitpressjournals.org/some_article_link . Acesso em: 05 set. 2024.